DOI: 10.20396/cel.v67i00.8679754

"ESSA MARIA" DEU UM TRABALHO: SOBRE A INTERAÇÃO ENTRE NOMES PRÓPRIOS E DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

"ESSA MARIA" WAS TROUBLE: ON THE INTERACTION BETWEEN PROPER NAMES AND DEMONSTRATIVES IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Lovania Roehrig Teixeira[1]
Renato Miguel Basso[2]

Resumo: Este artigo discute a interação entre os demonstrativos do PB e os nomes próprios, numa construção como "Essa Maria", a partir de um ponto de vista da semântica e da pragmática. O objetivo é entender qual o papel de cada um nos diferentes usos e como eles colaboram para as diferentes interpretações. Verificamos que essas construções podem ter usos dêiticos (direto e com referência deferida), anafóricos e emotivos e em cada um desses usos é possível encontrar uma interpretação de estágios do referente, não apontada na literatura. A formalização utilizada foi a proposta por Wolter (2006) que usa situações como parâmetro de avaliação dos predicados sentenciais e para a qual os demonstrativos são avaliados em subsituações da situação geral. Concluímos que (i) o nome próprio é o responsável pela determinação de referente, tendo em vista que a partir dele é possível identificá-lo univocamente no contexto físico (uso dêitico), linguístico (uso anafórico), ou de conhecimento compartilhado (uso emotivo); e (ii) o demonstrativo é o elemento responsável pelas informações como proximidade/distância física, emocional, temporal em relação ao referente ou estágios desse referente. Assim, a semântica entra no cômputo quando há a determinação do referente e a pragmática quando o demonstrativo é utilizado, especialmente porque as construções em que a expressão demonstrativo + nome próprio aparecem, seriam gramaticais sem a presença do demonstrativo: "**Essa Maria** deu um trabalho!" *versus* "(**A**) **Maria** deu um trabalho!".
Palavras-chave: demonstrativos; nomes próprios; semântica; situações.

Abstract: This paper discusses the interaction between BP demonstratives and proper nouns in a construction such as "Essa Maria", from a semantic and pragmatic point of view. The objective is to understand the role of each one in the different uses and how they contribute to various interpretations. We verified that these constructions have deictic (direct and deferred reference), anaphoric, and emotive uses. In each of these uses, it is possible to find an interpretation of stages of the referent, not pointed out in the literature. The formalization used is the one proposed by Wolter (2006) that uses situations as a parameter for evaluating sentential predicates and for which demonstratives are evaluated in subsituations of the general situation. We concluded that (i) the proper noun is responsible for determining the referent, considering that from it it is possible to identify it unequivocally in the physical context (deictic use), in the linguistic environment (anaphoric use), of shared knowledge (emotive use); and (ii) the demonstrative is the element responsible for information such as physical, emotional, temporal proximity/distance in relation to the referent or stages of this referent. Thus, semantics comes into play when the referent is determined and pragmatics when the demonstrative is used, especially because the

[1] Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco. E-mail: lovaniateixeira@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9614-8648.
[2] Professor Associado do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: rmbasso@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2580-0365.

constructions in which the expression demonstrative + proper noun appears would be grammatical without the presence of the demonstrative: "**Essa Maria** deu um trabalho!" *versus* "**(A) Maria** deu um trabalho!".
Keywords: demonstratives; proper names; semantics; situations.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a relação entre os demonstrativos do português brasileiro (PB) e os nomes próprios, como em "**Esse João Fonseca** é um talento!", a fim de delimitar suas características semânticas e pragmáticas e entender suas peculiaridades.

Os demonstrativos são determinantes usados comumente nas interações em língua natural, mas a gramaticalidade de construções como demonstrativo (Dem)+ nome próprio (NoPr) depende de alguns fatores como contextos específicos e entonação, entre outros. Assim, uma sentença como "Essa Ivi não veio ontem", será gramatical em PB, por exemplo, se estivermos diante de 2 pessoas com o nome "Ivi" ou se o falante usar uma entonação que envolva desapontamento ou alguma atitude emotiva num contexto que satisfaça a definitude do demonstrativo.

Somado a essas especificidades da relação Dems e NoPrs, está o fato de que, apesar de os estudos sobre a semântica e a pragmática dos demonstrativos ter avançado na última década no Brasil[3], há muito ainda a ser entendido. Nesse rol, está a discussão sobre a interação entre esses dois elementos e sobre a qual não há estudos semânticos em PB. Especialmente porque construções assim se diferenciam de estruturas como descrições demonstrativas comuns como "essa caneta" que necessitam do demonstrativo para determinação do referente. Em Dem+NoPr, o NoPr por si só, em princípio, determinaria o referente relevante univocamente e, por isso, surgem questões sobre a natureza da participação do demonstrativo na interpretação.

A partir de uma semântica de situações (Kratzer, 1989; Wolter, 2006), refletimos sobre os diferentes usos e interpretações da construção Dem+NoPr, definindo uma formalização para sentenças com essa construção, o que possibilita entender as fronteiras entre a semântica e pragmática nesses usos. Sendo assim, um dos objetivos deste texto é justamente avançar na compreensão dessa estrutura, descrevendo as interpretações e particularidades contextuais de Dem+NoPr no PB. Para tanto, o presente artigo, primeiramente, apresenta uma breve caracterização contrastiva da determinação dos NoPrs em línguas como o espanhol, inglês e PB; em seguida, realiza-se um levantamento sobre a literatura que aborda a relação Dem+NoPr, para depois, refletir sobre essa relação. Na sequência, apresentamos uma discussão que ressalta os aspectos semânticos da expressão e como os elementos pragmáticos entram no cálculo do seu significado. Finalmente, apresentamos algumas considerações sobre os resultados alcançados e questões em aberto.

[3] Vogt (2012) apresenta uma visão geral das diferentes teorias sobre demonstrativos; Basso (2009) aborda anáfora a eventos comparando algumas teorias direcionados aos demonstrativos; Basso (2013) reflete sobre a semântica de "eu"; Basso e Vogt (2013) utilizam a teoria de Wolter (2006) para explicar como as demonstrativos complexos podem denotar *subkinds;* Teixeira e Menuzzi (2015a,b; 2017) e Teixeira (2017) discutem alguns aspectos dos demonstrativos dêiticos relacionados à abordagem de Wolter (2006); Teixeira e Basso (2022) analisam os demonstrativos que denotam *kinds*. Certamente, esses são apenas alguns dos trabalhos sobre o tema.

1. ASPECTOS GERAIS DA DETERMINAÇÃO DOS NOMES PRÓPRIOS NO INGLÊS, NO ESPANHOL E NO PB

Nesta seção, introduzimos alguns aspectos da determinação dos NoPrs em línguas como o inglês, o espanhol e o PB, a fim de verificar suas características e diferenças gerais. Esses aspectos servirão como base para nossas reflexões sobre a relação semântica e pragmática Dem+NoPr no PB, que se constitui no foco deste artigo e se iniciará especificamente na seção seguinte.

Além de haver diferentes possibilidades de distribuição e ocorrências de NoPrs e determinantes nas línguas do mundo, como veremos a seguir, há também um interessante problema composicional na estrutura Dem+NoPr, que se replica em casos de artigos seguidos de NoPrs, a saber: num modelo semântico-formal, os tipos lógicos atribuídos a determinantes como artigos e Dems é <<e,t>, e>, ao passo que o tipo para NoPrs como "João" é <e>. Nessa visão, não seria possível, salvo algum ajuste nos tipos, estruturas como "o João" ou "esse João". A discussão sobre o papel do artigo definido nesse tipo de estrutura não será nosso foco aqui, e já foi discutido em Heim (1982), Abbott (2002), Lyons (1999), Chierchia; McConnell-Ginet (1990) e Portner; Partee (2002), entre várias outros, mas é interessante notar que, como artigos definidos e Dems pertencem à classe dos determinantes definidos, a análise de um pode contribuir para a compreensão de outro.

No que se refere à determinação em espanhol, os NoPrs nus são gramaticais como podemos observar na sentença abaixo (Aguilar-Guevara; Oggiani, 2023, p. 1):

(01) Carlos se fue a trabajar (*Carlos foi trabalhar*)

Apesar de NoPrs nus serem comuns no espanhol, na variedade de espanhol rioplatense, falada em Montevidéu, Buenos Aires e arredores, segundo Aguilar-Guevara; Oggiani (2023, p. 1), NoPrs podem coocorrer com artigos definidos em linguagem coloquial como em (2).

(02) El Carlos se fue a trabajar. (*O Carlos foi trabalhar*)

Por sua vez, no inglês, segundo Izumi (2012, p. 4), NoPrs podem aparecer sem modificador em posição de sujeito ou de objeto como em (3) e também podem ser modificados por um artigo, um quantificador, um numeral e um Dem como em (4a-h) (Izumi, 2012, p.4-5; Burge, 1973).

(03) Russell sent Kennedy a telegram (*Russell enviou um telegrama a Kennedy*)
(04)
a. Every Tyler I know studied in Princeton. (*Todo Tyler que conheço estudou em Princeton*)
b. A Tyler joined the club today. (*Um Tyler se juntou ao clube hoje*)
c. George Wallace is a Napoleon. (*George Wallace é um Napoleon*)
d. The Tyler who joined the club today studied in Princeton. (*O Tyler que se juntou ao clube hoje estudou em Princeton*)
e. Some Tylers are smart; some are not. (*Alguns Tylers são inteligentes; outros não*)
f. There are two Tylers in the department. *(Há dois Tylers no departamento)*
g. I know every Tyler in the department. (*Eu conheço todos os Tylers no departamento*)

h. That Tyler is different from this one. (*Esse Tyler é diferente desse)*

Izumi (2012, p.4) chama os casos em (4 a-h) de "usos modificados" dos NoPrs e sugere que eles são possíveis porque o NoPr é constituído por um ou mais NoPrs, assim, ele seria um termo geral semanticamente pareado com um nome comum. Por sua vez, Burge (1973) trata os casos em (4) uniformemente, mas Izumi (2012, p. 4) aponta que o caso (4c) não é similar as outros, pois

> *Napoleão*, nesse caso, invoca uma conotação um pouco mais rica em comparação com os usos de *Tyler* nas outras sentenças. Podemos considerar o item uma expressão independente, derivada do nome Napoleão Bonaparte. O Dicionário Oxford de Inglês inclui uma entrada independente para *Napoleão* como substantivo, explicitando seu significado como "uma pessoa considerada semelhante a Napoleão I, especialmente por ter conquistado supremacia em sua esfera por meio de ambição (implacável)" (Izumi, 2012, p. 5, nota 2).[4]

Izumi (2012) e Burge (1973) não apontam, no entanto, que na sentença (4h) temos um uso dêitico do Dem enquanto nos demais casos isso não ocorre. Nesse contexto, o referente é determinado pelo apontamento e unicamente identificado a partir disso.

Quando se trata de NoPrs em PB, há alguma literatura que discute a natureza ontológica dos NoPrs (Prado, 2005; Mendonça, 2016; Conde, 2023; entre outros.). No que se refere a NoPrs que vêm acompanhados de determinantes ou NoPrs nus, Sedrins (2017) realiza um levantamento dos contextos sintáticos em que o NoPr aparece acompanhado de artigo definido. Segundo o autor, NoPrs no PB podem vir acompanhados por diferentes determinantes (artigo definido, possessivo, Dems e numerais), em contextos em que os NoPrs são realizados com o artigo definido temos uma leitura individualizada (como um termo singular), com exceção dos numerais (Sedrins, 2017, p. 242-243). Os exemplos do autor são os seguintes, em (5a-d):

(05)
a. (O) João não faz essas coisas.
b. Aquele João não faz essas coisas.
c. (O) Meu João não faz essas coisas.
d. (Os) Dois Joãos saíram.

Segundo Sedrins (2017), nas sentenças com Dem (5b) e com o possessivo (5c), o possessivo e o Dem restringem a denotação do NoPr, pois nesses contextos o NoPr, como termo singular, não determina uma única entidade, dado que há mais de um João saliente no contexto. Aqui ressaltamos que há diferentes contextos a serem considerados em cada uma das sentenças em (5); por exemplo, em (5b), a felicidade da sentença depende de que mais de um João esteja saliente no contexto físico, isto é, estamos diante de um uso dêitico do Dem "aquele" que determina a entidade, descrita pelo NoPr "João" distante do falante e do ouvinte do proferimento. Já no uso do NoPr com o possessivo, em (5c), o contexto em que há entidades nomeadas por "João"' saliente é um contexto linguístico em que se realiza uma anáfora a partir do possessivo, que é também um tipo de definido, já que se retoma um referente que estava no fundo conversacional compartilhado e que contava com mais de uma entidade com o NoPr "João".

[4] "*Napoleon* there invokes a somewhat richer connotation in comparison with the uses of *Tyler* in the other sentences. We can consider it to be an independent, derived expression from the name of Napoleon Bonaparte. The *OED* [Oxford English Dictionary] includes an independent entry for *Napoleon* as a noun, which explicates its meaning as 'a person regarded as resembling Napoleon I, esp. in having gained supremacy in his or her sphere through (ruthless) ambition'" (original).

Em (5a), em que o NoPr é realizado com artigo definido, a possibilidade de haver um outro João no contexto é descartada, e a contribuição semântica do artigo em casos como (5a) pode ser nula. Sedrins (2017), Longobardi (1994) e Castro (2006) sugerem que artigos definidos diante de NoPrs são expletivos, não tendorelevância semântica. A exceção se dá para casos em que há um modificador no contexto, necessário para individualizar o referente. Assim, segundo Sendrins (2017, p. 241), "um modificador restritivo para o nome próprio exige a realização do artigo definido" como em "O João altão saiu" e "O João de blusa vermelha saiu".

Quando há numerais acompanhando o NoPr, ainda conforme Sedrins (2017), como em (5d), também há uma leitura de que há mais de um João saliente no contexto. Ainda, uma diferença entre a presença-ausência do artigo definido parece ser resultante de inferências pragmáticas: "Dois Joãos", pode haver mais "João"; "Os dois João", só há dois no contexto, por exemplo.

Em suma, em termos de distribuição, verificamos que: (i) em espanhol, em inglês e em PB é possível que NoPrs ocorram sem determinantes; (ii) em espanhol, na variedade rioplatense, os NoPrs ocorrem com artigos definidos, bem como no inglês e no PB; (iii) no PB e no inglês, no entanto, encontramos Dems como determinantes para os NoPrs; segundo Aguilar-Guevara; Oggiani, (2024, p. 316), NoPr tipicamente ocorrem nus em espanhol. Na seção seguinte, apresentamos o estado da arte das relações semânticas e pragmáticas da estrutura Dem+NoPr.

2. DEMONSTRATIVOS E NOMES PRÓPRIOS: ESTADO DA ARTE

É possível encontrar diversas menções à construção Dem+NoPr na literatura em semântica e pragmática, considerando o inglês, o espanhol, e o francês, entre outras línguas. Mas há menos abordagens sistemáticas sobre essa construção do que se poderia pensar num primeiro momento. No que segue, apresentamos algumas das considerações e sugestões de análise presentes na literatura para então trazer nossa própria análise.

Em termos gerais, Kleiber (1991, p. 84) aponta que uma expressão com um NoPr antecedido por um Dem exige observar o contexto para que se identifique quem é o referente; por exemplo, uma estrutura como "este Machado de Assis" pode, a depender do contexto, estar se referindo a um estilo ou a fase do escritor ou mesmo a uma obra sua. Fernández Leborans (1999, p. 122), por seu turno, indica que a interpretação resultante de uma expressão com NoPr "se baseia em um acontecimento anterior que implica o portador do nome próprio e é acessível na situação de comunicação ou é mencionado no contexto precedente"[5]. Os dois autores mencionados indicam a relevância do contexto de proferimento para a interpretação da expressão Dem+NoPr e para a determinação de um referente ou de seus aspectos. Ou seja, a ideia aqui é que, diferentemente de seu papel de termo singular que recupera e/ou identifica um único referente, a combinação Dem+NoPr sinaliza (i) que o NoPr é insuficiente para a determinação de um referente ou (ii) que o falante não se refere a aspectos do referente do NoPr; contudo, como veremos na sequência, uma terceira possibilidade é ainda (iii) que há um uso "emotivo" veiculado por essa estrutura.

Especificamente com relação ao inglês, a estrutura Dem+NoPr e seus aspectos semânticos e pragmáticos foi explorada pelos trabalhos de Lakoff (1974), Wolter (2006) e Potts e Schwarz (2010), entre outros, e esses autores consideram, de modo geral, que,

[5] No original: "se basa en un acontecimiento anterior que implica al portador del NP y es accesible en la situación de comunicación, o se menciona en un contexto precedente".

além dos usos dêiticos e anafóricos há também usos emotivos/afetivos do Dem com esse tipo de estrutura.

Uma análise pioneira e influente, ainda que superficial, de Dem+NoPrs aparece em Lakoff (1974), que definiu tal estrutura como sendo uma expressão de solidariedade entre os participantes do discurso. Lakoff afirma que em inglês todos os Dems, os proximais ("*this*" e "*these*") e os distais ("*that*" e "*those*"), têm usos emotivos. A autora caracteriza "*this*" como segue:

> Sob esta rubrica, coloco uma série de usos problemáticos, geralmente ligados ao envolvimento emocional do falante com o assunto do seu proferimento. Como a proximidade emocional frequentemente gera no ouvinte um senso de participação, essas formas são frequentemente descritas como usadas para dar "vivacidade/intensidade". E como expressar emoção é — como observei no ano passado — um meio de alcançar camaradagem, muitas vezes essas formas também serão coloquiais. Isso é usado por várias razões, todas ligadas à obtenção de "proximidade", como o *isso* espaço-temporal, em um sentido bastante amplo (Lakoff, 1974, p. 347, tradução nossa)[6].

Para Lakoff (1974) há uma espécie de sentido "catalizador" das noções de afetividade e de espaço e tempo dos usos dos Dems, isto é, eles vêm de uma mesma fonte. Assim, o sentido central de "*this*" seria como "estar próximo do falante" e isso pode envolver uma noção de proximidade física, temporal ou emocional, etc., dependendo do contexto. Mas em relação a "*that*" a autora também indica que há efeitos de solidariedade/afetividade/emotividade (como surpresa e quebra de expectativa) e ainda segundo sua análise: "Estes são talvez os mais curiosos semanticamente, uma vez que o marcador de distância que parece estabelecer proximidade emocional entre o falante e o destinatário"[7] (p. 351, tradução nossa). Contudo, como mencionamos, Lakoff (1974) não vai além dessa caracterização superficial dos Dems emotivos.

Wolter (2006) propõe uma semântica de situações[8] para explicar diferentes usos dos Dems. Os usos mais comuns desses itens são os classificados como dêiticos e anafóricos, como os exemplos abaixo respectivamente ilustram:

(06) Olha **aquele cara** parado na esquina. [dito com um apontamento para a pessoa em questão]
(07) Eu li um livro$_i$ que mexeu comigo, e nunca vou esquecer **esse/aquele livro**$_i$.[9]

Na caracterização proposta por Wolter (2006, p. 39), o referente da descrição anafórica depende de um antecedente linguístico como em "**A man**$_i$ walked in. **The man**$_i$ coughed" (*Um homem$_i$ entrou. O homem$_i$ tossiu*). Wolter (2006, p. 73) ainda afirma que em usos anafóricos, em geral, descrições definidas anafóricas e demonstrativas dependem

---

[6] "Under this rubric I place a host of problematical uses, generally linked to the speaker's emotional involvement in the subject-matter of his utterance. Since emotional closeness often creates in the hearer a sense of participation, these forms are frequently described as used for 'vividness.' And since expressing emotion is — as I noted last year — a means of achieving camaraderie, very often these forms will be colloquial as well. This is used for several reasons, all linked to the achievement of 'closeness,' like spatio-temporal *this*, in a rather extended sense" (original).

[7] "These are perhaps the most curious semantically, since the distance marker that seems to establish emotional closeness between speaker and addressee" (original).

[8] A semântica de situações foi proposta por Kratzer (1989) e usada por Wolter (2006) para explicar as diferenças entre os artigos e os demonstrativos do inglês, afirmando que elas residem justamente na natureza da situação em que cada um deles determinará seu referente: os artigos são avaliados em situações default (situação geral do proferimento) e os demonstrativos em situações não-default (subsituações da situação geral).

[9] O índice "i" subescrito indica que os itens são correferenciais.

do contexto do discurso ou da "situação descrita" ao invés do contexto físico do proferimento, o que as diferencia dos usos dêiticos. Basicamente, em usos dêiticos, o referente de um Dem é recuperado através de um gesto de apontamento ou indicação, e em usos anafóricos, seu referente é recuperado através de elementos linguísticos previamente mencionados[10].

Porém, como notamos, esses dois usos não esgotam todas as possibilidades de interpretação dos Dems. Um dos casos que Wolter (2006) analisa que não se enquadra nas análises mais comuns de usos dos Dems envolve a estrutura que nos interessa, Dem+NoPr, aqui; trata-se novamente do "uso emotivo". Segundo a autora (2006, p. 8), descrições demonstrativas com leitura emotiva, diferentemente de descrições demonstrativas comuns, são compatíveis com conteúdo descritivo semanticamente único, e até mesmo com conteúdo descritivo constituído de um nome próprio, como se observa nos exemplos a seguir: "**That mother of John** is quite a woman!" (*Aquela mãe do John é uma mulher e tanto!*) e "**That Mary Smith** is quite a woman!" (*Aquela Mary Smith é uma mulher e tanto!*).

A autora aponta que os Dems emotivos têm um comportamento específico, já que seu conteúdo se refere a um indivíduo em particular e podem acompanhar um NoPr como ocorre em outro exemplo dado pela autora: "**That Henry Kissinger** is a real jerk!" (*Aquele Henry Kissinger é um verdadeiro babaca*). Nesse caso, Wolter (2006) afirma que o falante indica um sentimento negativo em relação a Henry Kissinger, isto é, há uma expressão de emoção veiculada pelo Dem+NoPr. Especificamente para Wolter, (2006, p. 8), no uso emotivo, os participantes do discurso compartilham algum conhecimento ou emoção relevante sobre o referente do demonstrativo. Como consequência, quando os participantes do discurso não compartilham a emoção ou os conhecimentos necessários, o uso do demonstrativo emotivo falha. Quando é de conhecimento público que um dos participantes do discurso não está familiarizado com o referente do demonstrativo emotivo, o uso emotivo é inaceitável como se observa na situação a seguir: "A: Who is John Smith? (*Quem é John Smith?*) B: #**That John Smith** is a really great guy! (#***Esse John Smith*** *é um cara muito legal!*)"

Se o falante e o ouvinte do contexto não compartilham algum conhecimento ou emoção sobre o referente indicado pelo Dem, a sentença com uso emotivo será infeliz para o contexto. Assim sendo, nos usos emotivos dos Dems é necessário que os participantes compartilhem a opinião ou alguma informação relevante para a situação sobre o referente. A autora conclui afirmando que "Uma vez que a partilha de conhecimento ou de emoções é a base para experimentar a solidariedade, isto é consistente com a observação original de Lakoff (1974)" (Wolter, 2006, p. 84, tradução nossa)[11]. Assim, mesmo em os usos emotivos, os Dems parecem se manter como expressões definidas.

Outro ponto importante levantado por Wolter (2006, p. 83) é que exemplos desse tipo são mais autênticos/naturais quando o Dem emotivo introduz o referente no contexto de proferimento como em (8):

[10] Aqui fazemos uma simplificação dos conceitos de usos anafóricos e dêiticos. Ressaltamos que há muita discussão na literatura sobre as fronteiras entre eles, como ilustram, entre vários outros, os trabalhos de Levinson (2004) e Heim e Kratzer (1998). Por exemplo, Abbott (2010) utiliza dois conceitos amplos de pronomes dêiticos e anafóricos em que a interpretação de itens anafóricos se relaciona à ligação de um termo linguístico a um antecedente, também linguístico, e a interpretação de itens dêiticos está ligada à dependência de um item linguístico a aspectos extralinguísticos do contexto de proferimento.

[11] "Since sharing knowledge or emotion is grounds for experiencing solidarity, this is consistent with Lakoff's (1974) original observation"

(08) I know you hate all politicians, but I kind of like **that Rumsfeld guy**. (*Eu sei que você odeia todos os políticos, mas eu meio que gosto daquele Rumsfeld*)

Nesse contexto, segundo ela, o que é compartilhado pelos participantes não precisa ser necessariamente uma emoção e, ainda, os Dems emotivos podem estar sujeitos a uma condição de novidade no proferimento (Wolter, 2006, p. 83). Desse modo, Dem+NoPr podem ser usados quando se menciona pela primeira vez o referente, mesmo que o caso não seja de uso dêitico. No entanto, ressaltamos que o referente deve fazer parte do conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte: ambos devem saber a quem o NoPr "Rumsfeld" se refere. Assim, a introdução do referente ocorre no contexto de proferimento e a sentença em (8) é feliz naquela situação.

Por sua vez, Potts e Schwarz (2010, p. 24) apontam algo interessante em relação à "*that*", afirmando que ele ocorre menos em contextos positivos e mais em contextos negativos. Os exemplos dos autores são com nomes comuns como "How's that "hope" and "change" working out for you?" ("*Como estão essa "esperança" e "mudança" funcionando pra você?*"). Segundo Potts e Schwarz (2010, p. 2),

> A generalização central de Lakoff é que demonstrativos afetivos são marcadores de solidariedade, indicando o desejo do falante de envolver emocionalmente o ouvinte e fomentar um senso de proximidade e sentimento compartilhado. Por exemplo, [Este Henry Kissinger é realmente algo!] indica um ponto de vista comum sobre Kissinger (entusiasmo, exasperação) entre os participantes do discurso, e o quase-indefinido *este caixeiro-viajante* em [Havia este caixeiro-viajante, e ele…] parece "envolver o destinatário mais plenamente" (p. 347) do que uma forma indefinida envolveria.[12]

Além disso, Potts e Schwarz (2010, p. 8) propõem algumas propriedades para a construção "This+NoPr" e corroboram o que apontamos sobre o conhecimento compartilhado em relação ao referente de Dem+NoPr:

> a. O falante presume que o ouvinte pode identificar o referente de A.
> b. A predicação do referente de A é avaliativa.
> c. A predicação avaliativa é incontroversa.
> d. O falante pretende evocar solidariedade no ouvinte[13].

No entanto, essas propriedades resultam de características composicionais, isto é, tanto dos NoPrs, quanto do demonstrativo "*this*", pois, segundo os autores, NoPrs sempre demandam algum grau de familiaridade do ouvinte do proferimento (embora o efeito seja mais forte com o Dem "*this*") e não é surpresa que "*this*" gere solidariedade, de acordo com Potts e Schwarz (2010), pois trata-se de uma extensão natural dos seus usos básicos como marcador de proximidade espaço-temporal. A ideia é que a proximidade física é interpretada num domínio não-espacial, mas sim de afetividade; nos casos de interpretação emotiva, o papel do Dem ainda é indicar proximidade, o que muda são os domínios interpretativos em que isso acontece.

---

[12] "Lakoff's central generalization is that affective demonstratives are markers of solidarity, indicating the speaker's desire to involve the listener emotionally and foster a sense of closeness and shared sentiment. For example, [This Henry Kissinger is really something!] gestures at a common view of Kissinger (enthusiasm, exasperation) among the discourse participants, and the quasiindefinite *this traveling salesman* in [There was this traveling salesman, and he …] seems "to involve the addressee more fully" (p. 347) than an indefinite form would" (original).

[13] "a. The speaker presumes that the hearer can identify the referent of A. b. The predication of the referent of A is evaluative. c. The evaluative predication is uncontroversial. d. The speaker intends to evoke solidarity with the hearer." (original).

No que se refere ao uso de Dems e NoPrs no PB, Amaral e Seide (2020, p.124-125), em estudo da área da lexicologia sobre antropônimos, trazem algumas características interessantes. Os autores afirmam (p. 125) que há casos em que o Dem tem valor essencialmente dêitico, como em (9), ou anafórico, como (10), e outras em que se obtém uma leitura relacionada a uma fase do referente (11) ou metafórica (12):

(09) Te apresento **esta Renata**, mais uma entre tantas que você conhece.
(10) Ontem você conheceu o Roberto e acho que **esse Roberto** pode te ajudar muito.
(11) **Aquela Gabriela que você conheceu** não é mais a mesma, ela mudou muito.
(12) Quando meu filho está no banho, é sempre assim: **esse Tom Jobim desafinado**

Dentre as sentenças acima, (11) e (12) chamam atenção. Em (11) a natureza do referente é peculiar, visto que parecer haver uma distinção temporal em relação ao mesmo indivíduo, como se fossem dois (ou mais) referentes e o Dem "aquela" traz a leitura de distância que é necessária para gerar essa leitura[14]; compare (11) com (11a), por exemplo:

(11a) # **Essa Gabriela que você conheceu** não é mais a mesma, ela mudou muito.

Em (12), sem contexto específico prévio, a sentença parece inadequada e estranha, mas ela é plenamente aceitável ao se considerar, por exemplo, um contexto em que a mãe está conversando com alguém em casa, o filho dela vai tomar banho e começa a cantar alguma música do Tom Jobim no chuveiro. A partir disso, tanto a mãe quanto a visita ouvem a cantoria e a mãe, erguendo os ombros, fala: "Quando meu filho está no banho, é sempre assim: **esse Tom Jobim** desafinado". Nesse caso, observamos uma leitura dêitica de Dem+NoPr devido a uma saliência do referente no contexto, mas a determinação do referente ocorre indiretamente por meio de uma referência deferida ("*deferred ostension*") nos termos de Nunberg (1993, 2004) e Elbourne (2005, 2008). Esses casos serão detalhados na seção 3.

Além dessas interpretações, Amaral e Seide (2020) também notam alguns casos de Dems emotivos. Na sentença abaixo, o contexto envolve uma mãe, que, ao se referir ao filho de nome "João Pedro", produz uma sentença como (13) mesmo não existindo outro indivíduo com o mesmo nome e, segundo os autores, acaba criando um contraste entre o portador do nome próprio e outro possível indivíduo portador do mesmo nome.

(13) **Este João Pedro** não me deixa descansar!

A entonação nesse caso tem papel crucial para a interpretação, juntamente com o contexto de proferimento que envolve uma mãe sobrecarregada e um filho. No caso em discussão, o Dem não colabora na determinação do referente, pois no contexto, não há mais de um "João Pedro", diferente do que ocorre com os casos mencionados acima em que há mais de um referente para o mesmo NoPr e é preciso que se use o Dem (com ou sem apontamento) para determinar a entidade relevante no contexto. O Dem "este" nessa situação parece assumir outro papel, não exatamente um papel semântico e sim um papel pragmático que discutiremos na seção a seguir. Além disso, é interessante notar que o Dem usado, apesar de parecer contribuir mais como um veiculador de um estado emocional do que como um determinador de referente, não pode ser qualquer Dem, como

[14] O que temos aqui é uma interpretação temporal da distância espacial presente em "aquela"- um tipo de analogia muito comum nas línguas naturais, que se baseia em usar algo mais concreto (espaço) para expressar algo mais abstrato (tempo).

atesta a estranheza de "**Aquele João Pedro** não me deixa descansar!", usada na mesma situação.

3. ANÁLISE DOS CASOS DE DEM+NOPRS NO PB

Comumente, a literatura em linguística se dedica aos casos mais gerais de usos dos Dem: usos dêiticos e usos anafóricos. De modo geral, temos Dems dêiticos, ou uso dêiticos de Dems, quando esses itens vêm acompanhados por algum elemento extralinguístico, como um apontamento ou qualquer outro gesto físico, para que seu valor semântico seja determinado via referência a esse elemento, presente no contexto de fala: em uma multidão, sem que se utilize um apontamento ou indicação, não é possível determinar o referente de uma descrição demonstrativa como "essa/aquela mulher". Em usos anafóricos, Dems são empregados para retomar alguma entidade já mencionada anteriormente, como em: "A Maria$_i$ foi minha professora. **Essa professora$_i$** marcou minha vida!", em que "essa" retoma "Maria". Comumente Dems acompanham nomes comuns e raramente acompanham NoPrs[15]; nesses últimos casos, contextos específicos são necessários.

A análise tradicional para Dems também vale para a combinação Dem+NoPr, pois tal estrutura pode ter leituras anafóricas e dêiticas, como nas sentenças (14) e (15), abaixo, mas há outras leituras, como a emotiva, que não se enquadram nessa classificação, como vimos acima, e que (16) ilustra:

(14) A menina$_i$ mais inteligente que conheci foi a Tereza$_i$. **Essa Tereza$_i$** ficou doente no ano passado.
(15) **Esse João** [apontando para si] não joga muito bem, mas **aquele João** [apontando para a TV] dá um show!
(16) **Esse João** só me dá despesa! [pai reclamando depois de ver a fatura do cartão]

Em (16), não estamos diante de um caso de anáfora, pois não há contexto linguístico em que João torna-se saliente e assim, seja retomado por meio do Dem, e também não estamos diante de um caso de uso dêitico do Dem, pois não há entidade no contexto de fala a que a expressão "esse João" possa fazer referência. Trata-se aqui do uso emotivo, identificado por Lakoff (1974) e que parece funcionar de modo semelhante para o PB. A fim de enfocar os usos emotivos de Dem+NoPr, vamos analisar mais duas sentenças com essa leitura e compará-las com sentenças com definidos e NoPrs nus, em (17a, b) e (18a, b). A partir disso, podemos observar a diferença do papel do determinante definido e da ausência de determinante nas sentenças:

[Contexto: duas pessoas estão conversando sobre filósofos brasileiros famosos nas redes sociais:]
(17) **Esse Cortella** é um filósofo bem famoso no Brasil.
(18) Você viu como **aquele Clovis de Barros** rejuvenesceu?

[15] Apenas como ilustração desse ponto, ao consultar o Corpus do Português "NOW corpus" (https://www.corpusdoportugues.org/now/) que contém cerca de "**1.1 billion words of data** from web-based newspapers and magazines in four Portuguese-speaking countries" referentes ao período de 2012-2019, encontramos 19 ocorrências de "Esse João" enquanto que de "esse homem" foram encontradas 2.600.

Nas sentenças (17) e (18), o Dem não apresenta leitura anafórica, pois não há contexto linguístico anterior em que Cortella e Clóvis de Barros tenham sido mencionados e, assim, sejam retomados por meio do Dem. Também não é necessariamente uma leitura dêitica visto que não há entidades no contexto de fala às quais Dem+NoPrs se refiram. É interessante notar, por fim, que mesmo com definidos ou NoPr nus, a determinação dos referentes é similar (cf. (17a, b) e (18a, b)), ou seja, a contribuição dos Dems em (17) e (18) não se dá na determinação dos referentes:

(17a) **O Cortella** é um filósofo bem famoso no Brasil.
(17b) **Cortella** é um filósofo bem famoso no Brasil.
(18a) Você viu como **o Clovis de Barros** rejuvenesceu?
(18b) Você viu como **Clovis de Barros** rejuvenesceu?

(17) e (18) possuem uma leitura emotiva e para que essa leitura ocorra, como sugerem os 4 critérios apontados por Potts e Schwarz (2010), o falante presume que o ouvinte pode identificar o referente da estrutura Dem + NoPr, isto é, o referente faz parte do conhecimento compartilhado entre o ouvinte e falante. Ainda há uma predicação avaliativa sendo veiculada e ela é também compartilhada entre falante e ouvinte, porque o falante busca a solidariedade do ouvinte a partir do seu proferimento. Nesse sentido, se o referente não fizer parte do conhecimento compartilhado, a sentença com Dem+NoPr emotivo torna-se inadequada e o ouvinte solicitará mais informações para identificar a entidade.

Teixeira e Basso (2022, p. 13) discutem brevemente os usos emotivos no PB em artigo sobre Dems com leitura de *kind*s. Os autores apresentam sentenças com a estrutura Dem+NoPr e artigo definido+NoPr, reproduzidas aqui como (19a-c), declarando que a construção com artigo definido não gera leitura emotiva, isto é, somente a estrutura com Dem gera essa leitura:

(19a) Eu geralmente não gosto de comediantes, mas **aquele Paulo Gustavo** me agrada.
(19b) Eu geralmente não gosto de comediantes, mas **esse Paulo Gustavo** me agrada.
(19c) Eu geralmente não gosto de comediantes, mas **o Paulo Gustavo** me agrada.

Os critérios de Potts e Schwarz (2010) para leituras emotivas são atendidos nas sentenças (19a) e (19b), já que ao proferi-las: (i) o falante presume que o ouvinte pode identificar o referente do NoPr; (ii) há uma predicação avaliativa sendo veiculada pela sentença; (iii) ela é compartilhada entre falante e ouvinte; (iv) a solidariedade é gerada pelo uso dos Dems. Ressaltamos, a partir disso, que os Dems ("aquele" e "esse") (semelhantemente ao que afirmam Sedrins (2017), Longobardi (1994) e Castro (2006) para o artigo definido diante de NoPrs) não têm peso semântico nas sentenças, pois o NoPr "Paulo Gustavo" é o item responsável por determinar o referente particular relevante, pois mesmo com um NoPr nu, como em (19d), abaixo, o ouvinte pode determinar o referente.

(19d) Eu geralmente não gosto de comediantes, mas ∅ **Paulo Gustavo** me agrada.

A conclusão parcial, então, é que Dems do PB, combinados com NoPrs, quando atendem aos critérios de Potts e Schwarz (2010) de fato geram interpretações emotivas, que não são encontradas com NoPrs nus ou acompanhados de artigos definidos, como evidencia o contraste entre os exemplos (19a)-(19c), explorado em detalhes em Teixeira

e Basso (2022). O uso de "esse" ou "aquele" para essas interpretações depende de fatores a serem ainda explorados e que por razões de espaço e escopo, não serão detalhados aqui.

3.1. Dem+NoPrs com "fases de referente"

Ainda, a partir do levantamento realizado na literatura, um uso peculiar para a expressão Dem+NoPrs foi apontado por Amaral e Seide (2020), cuja interpretação está relacionada a "fases do referente" (Von Heusinger; Wespel, 2007[16]) e, pode ocorrer em usos dêiticos, emotivos e anafóricos:

(20) **Essa Fernanda** é muito melhor do que aquela que entrou na escola.
[passando no corredor e vendo a professora realizar uma excelente explicação]
(21) **Aquele João** trouxa que você conheceu, morreu! [João conversando com sua ex-namorada]
(22) Eu tive uma professora no passado que se chamava Maria$_i$, e hoje ela$_i$ também dá aula pra mim.
Mas **essa Maria**$_i$ de agora é bem diferente **daquela Maria**$_i$ da minha infância.
[Maria não está presente no contexto de fala]

Em (20) há uma leitura dêitica, pois a entidade fez-se saliente na situação, por ser ouvida durante durante o proferimento de (20), e o NoPr permite a determinação do referente relevante; no entanto, o Dem "essa" não está sendo usado pela proximidade física do referente em relação ao falante e ao ouvinte. O que acontece é que "essa Fernanda" indica uma fase recente do indivíduo indicado pelo NoPr, em relação a uma fase anterior, quando chegou na escola em começo de carreira. Assim, o Dem é usado não para identificação do referente, já que o NoPr faz isso, mas sim para indicar uma distinção temporal e predicativa desse referente.

Em (21), o Dem não apresenta leitura anafórica, pois não há contexto linguístico anterior em que João tenha sido mencionado e, assim, seja retomado por meio do Dem "aquele"; também não há uma leitura dêitica autêntica, visto que em se tratando do falante do contexto, o elemento dêitico a ser utilizado deveria ser "eu". Se o falante escolhe utilizar outro item ao invés do dêitico "eu" que indica a si como falante do contexto, ele deseja gerar outros sentidos. Nesse caso, a leitura gerada é a emotiva que se enquadra nos critérios de Potts e Schwarz (2010), pois o falante presume que o ouvinte pode identificar o referente de A; há uma predicação avaliativa sendo veiculada, "ser trouxa", e ela é também compartilhada entre falante e ouvinte. Ainda, o falante busca a solidariedade[17] do ouvinte a partir do proferimento, já que acredita que o predicado é compartilhado entre falante e ouvinte. No entanto, o papel do Dem na expressão não localiza o referente de "João", nem no espaço físico, nem no espaço linguístico, e sim dá informações sobre qual fase ou estágio desse referente a sentença trata. O resultado é que em (21) há uma distinção temporal em relação ao mesmo indivíduo, como se fossem dois Joões (ou mais) e o demonstrativo "aquele" traz a leitura de distância afetiva em relação ao referente, bem como uma distância de versões ou estágios desse mesmo indivíduo.

Em (22), por sua vez, temos uma leitura anafórica da estrutura Dem+NoPr que faz referência a uma entidade mencionada linguisticamente e retomada com uma interpretação de estágios. O que acontece é que "essa" indica um estágio temporal recente do indivíduo indicado pelo NoPr "Maria", em relação a um estágio anterior desse

[16] Os autores usam o termo "manifestations of individuals" e indicam que ele "[...] denote sub-individual aspects of proper name bearers (Heusinger; Wespel, 2007, p. 337).

[17] A solidariedade é uma espécie de engajamento na comunicação e na predicação e, por isso, nem sempre tem valoração positiva.

referente, indicado pelo Dem "(d)aquela". Assim, os Dems são usados não para identificação do referente, já que o NoPr faz isso, e sim para indicar uma distinção temporal e predicativa dessa entidade.

Essa interpretação de estágio, assim, pode ocorrer em usos dêiticos, em usos emotivos e em usos anafóricos da estrutura Dem+NoPr. Nesse ponto é importante ressaltar que essa especificidade não foi discutida na literatura até então e ainda que esse aspecto traz para a discussão o papel dos determinantes em relação à predicação. As sentenças abaixo mostram que indefinidos, (24), e Dems, (23), acompanhando NoPrs com interpretação de estágios geram sentenças gramaticais no PB, permitindo que a predicação atue sobre uma "fase do referente"; mas artigos definidos e NoPrs nus, (25) e (26), são agramaticais nesse mesmo contexto linguístico, ao que parece, porque esses determinantes não permitem uma predicação sobre estágios do referente.

(23) Não reconheço **esse Lula** cansado.
(24) **Um Lula** cansado assumiu a presidência.
(25) * O Lula cansado assumiu a presidência.
(26) * Lula cansado assumiu a presidência.

A partir das reflexões sobre os casos de Dem+NoPrs do PB, podemos afirmar que temos as seguinte interpretações: (1) dêitica (direto ou "deferred ostension"), (2) anafórica, (3) emotiva e (4) "interpretação de estágios", exemplificados abaixo:

(27a) **Este Daniel** vai mudar sua vida. [apresentando um rapaz]
(27b) **Esse José Saramago** me fez chorar! [apontando para um livro do autor]
(28) Já foi à médica que te indiquei, a Alice? **Essa Alice** resolveu meu problema.
(29) **Aquela Adele** realmente sabe o que faz [falando de cantoras talentosas].
(30) **Esse João** de agora não é o mesmo que **aquele João** da minha infância.

Em (27a) o Dem+NoPr faz referência a um indivíduo presente no contexto físico do proferimento e "este" veicula informações sobre a distância física do referente em relação ao ouvinte/falante; nesse caso temos um uso dêitico direto. Em (27b), por sua vez, temos um uso dêitico indireto (referência deferida, cf. Nunberg, 1993, 2004; Elbourne, 2005, 2008) em que se aponta para um índice (fisicamente presente no contexto de proferimento), como o livro, a fim de indicar o autor da obra. O Dem "esse" nesse caso indica a proximidade do indíce (e não do referente) em relação ao falante/ouvinte, diferente do caso de dêixis direta em que o Dem indica a distância do referente em si. Em (28), "essa Alice" possui leitura anafórica, retomando a expressão linguística anterior "a médica que te indiquei". Nesse caso, "essa" relaciona-se com a distância linguística ligada à primeira menção do referente. A sentença (29) tem uma leitura emotiva, na qual o falante supõe que o referente do NoPr faz parte do conhecimento de mundo do ouvinte e assim busca a solidariedade do ouvinte em relação à predicação do referente "Adele". A leitura aqui não é anafórica, já que não se menciona o referente anteriormente, nem dêitica, já que não há saliência do referente naquele contexto, nem sua presença física. O Dem usado, "aquela", parece mostrar uma relação análoga com distância física, indicando que o referente do NoPr não pode ser considerada uma cantora que faz parte do contexto do falante, ou por ele achar que nunca a verá pessoalmente, por ela não fazer parte do seu cotidiano musical, ou ainda por ser solidário ao ouvinte. Nesse sentido, corroboramos a afirmação de Lakoff (1974) para "*that*", pois "aquela" no PB também parece gerar um efeito de parceria entre falante e ouvinte: "eu, falante, não conheço a Adele pessoalmente, e tudo bem se você, ouvinte, também não conhece" e contrapõe-se à afirmação de Potts

e Schwarz (2010, p. 24) para "*that*" que, segundo os autores, ocorre com maior frequência em contextos negativos.

Em (30), finalmente, temos expressões Dem+NoPr com usos que fazem referência a uma mesma entidade, indicada pelo NoPr 'João', mas cujos Dems indicam que são estágios diferentes de "João". Assim, o papel dos Dem é indicar a distância dos estágios descritos na sentença em relação à fase atual dele. Esse caso é o que chamamos de "interpretação de estágios" e que, apesar de ter sido apontado, não foi analisado na literatura até então. Na próxima seção, vamos propor uma análise formal das interpretações descritas em (27)-(30).

4. UMA PROPOSTA DE FORMALIZAÇÃO SEMÂNTICA E DE ARTICULAÇÃO PRAGMÁTICA PARA DEM+NOPRS

Tendo em vista que elencamos diferentes leituras para Dem+NoPr ⁓ (1) dêitica (direta e de referência deferida); (2) anafórica; (3) emotiva; (4) com interpretação de estágios" ⁓, e que observamos que NoPr e Dem realizam tarefas distintas na interpretação, é preciso considerar que há uma divisão de trabalho entre semântica e pragmática na interpretação desse tipo de sentença.

Nesse contexto, procuramos formalizar os aspectos semânticos de Dem+NoPr a partir de uma semântica de situações (Kratzer, 1989; Wolter, 2006) que se utiliza de uma forma lógica simples e enxuta e, partindo disso, construir os estágios dos processos pragmáticos envolvidos em cada uma das interpretações. A proposta de Wolter (2006) usa a semântica de situações para explicar as diferenças entre os artigos e os Dems do inglês, afirmando que elas residem justamente na natureza da situação em que cada um deles determinará seu referente. Segundo Wolter (2006), os artigos definidos encontram seu referente na mesma situação em que os predicados verbais das sentenças são avaliados — na situação máxima ou *default* de avaliação (s_0); os Dems, por sua vez, encontram seu referente em situações menores, partes próprias das situações maximais, chamadas de situação não-*default* (s_n[18]). Assim, artigos pressupõem familiaridade e unicidade em situações *default* e demonstrativos carregam as mesmas pressuposições em situações não-*default*[19]. As entradas lexicais fornecidas pela autora são as seguintes:

> **[the$_n$]:** λP: P(s_n) é um conjunto unitário. Se definido, ele denota ιx:P(x)(s_n). (Wolter, 2006, p. 101).
> **[this$_n$]**: λP: P(s_n) é um conjunto unitário e s_n é uma situação não-default e ιx:P(x)(s_n) está próximo ao falante. Se definido, ele denota ιx:P(x)(s_n). (Wolter, 2006, p. 109).
> **[that$_n$]:** λP: P(s_n) é um conjunto unitário e s_n é uma situação não-default. Se definido, ele denota ιx:P(x)(s_n). (Wolter, 2006, p. 102).

A partir das entradas lexicais acima, observamos uma hierarquia de marcação dos determinantes definidos do inglês em que: "*this*" é o mais marcado, com três pressuposições ou traços semânticos; "*that*" possui duas; e o artigo definido "*the*" somente uma.

[18] "n" está por um número natural.

[19] Wolter (2006) adota uma teoria pressuposicional para as características da definitude, que é também o que fazemos aqui. Sobre esse debate, cf. Abbott (2010) e Elbourne (2013), entre outros.

Em relação ao PB, Teixeira e Basso (2022, p. 23) argumentam que "aquele" é o item marcado, pois deve satisfazer às pressuposições de unicidade, de avaliação na situação não-default e de distalidade. A entrada lexical apresentada pelos autores é a seguinte:

> **[aquele(a)$_n$]:** λP: P(s_n) é um conjunto unitário, s_n é uma situação não-default, e ιx:P(x)(s_n) está distante do falante. Se definido, ele denota ιx:P(x)(s_n).

Note-se que a entrada lexical de "aquele(a)" possui uma pressuposição adicional de distalidade, diferentemente da entrada lexical para "that" do inglês proposta por Wolter (2006). Neste artigo propomos que a entrada lexical de "este/esse"[20] seja a mesma e que seja similar à "*this*":

> **[este(a)/esse(a)$_n$]:** λP: P(s_n) é um conjunto unitário e s_n é uma situação não-default. Se definido, ele denota ιx:P(x)(s_n).

Estabelecidas as entradas lexicais, podemos propor uma formalização para os usos dêiticos, anafóricos e emotivos das construções Dem+NoPr das sentenças acima (27)-(30).

Como já mencionado, nos usos dêiticos, um aspecto extralinguístico (apontamento ou outro elemento físico) conta para a interpretação do demonstrativo, levando ao estabelecimento de uma subsituação:

> (27a) **Este Daniel** vai mudar sua vida. [apresentando um rapaz]
> mudar-sua-vida ([ιx.Daniel (x, s_1)] s_0)

Em prosa: a sentença (27a) é verdadeira se e somente se existir um único referente que satisfaz o predicado[21] "Daniel" na subsituação (s1) e se "mudar-sua-vida" é verdadeira na situação de proferimento (s_0).

Em (27a), a descrição demonstrativa "este Daniel" se refere a uma entidade específica, determinada naquela situação a partir da colaboração do NoPr ("Daniel"), do Dem ("este") mais o gesto físico usado na apresentação, o caracteriza o uso dêitico. Segundo Wolter (2006), o gesto ou apontamento contribui na determinação do referente, pois é responsável por gerar uma subsituação (s_1) no interior da situação de proferimento (s_0), em que há somente um referente que satisfaça o conteúdo descritivo do item demonstrativo.

A seguir, temos um uso dêitico indireto ou com referência deferida em que para determinarmos a interpretação do Dem é preciso que se considere o índice apontado que nos direciona ao referente. Em (27b), o índice é o livro apontado e o referente é o autor do livro, José Saramago.

> (27b) **Esse José Saramago** me fez chorar! [apontando para um livro do autor]
> me-fez-chorar ([ιx.José Saramago (x, s_1)] s_0)

---

[20] Teixeira e Basso (2022) apontam que, conforme Roncarati (2003), Pavani (1987) e Câmara Jr. (1970), no PB o sistema ternário de demonstrativos ("este/esse/aquele") vem sendo simplificado e substituído por um sistema binário ("este-esse/aquele").

[21] A natureza semântica de nomes próprios tem um longa e complexa tradição nos estudos lógicos, filosóficos e semânticos, com, basicamente, duas possibilidades: (i) os NoPrs seriam termos diretamente referenciais ou (ii) seriam mais próximos nomes comuns, numa teoria descritivista. Não há como entrarmos nesse intrincado debate aqui, e o que faremos neste artigo, seguindo Geurts (1997), Recanati (1997), Matushanksy (2008) e Conde (2023), é considerar nomes próprios como predicados.

Em prosa: a sentença (27b) é verdadeira se e somente se existir um único referente que satisfaz o predicado "José Saramago" na subsituação (s1) e se "me-fez-chorar" é verdadeira na situação de proferimento (s_0).

Aqui, a formalização permanece a mesma do que a proposta para uso dêitico direto, pois o NoPr por si indica um referente particular determinado na subsituição s_1. Assim, o apontamento no uso indireto/com referência deferida é responsável justamente por instaurar a subsituação em que o referente relevante será avaliado.

O ouvinte realiza inferências de ordem pragmática no uso dêitico com referência deferida já que o falante indica um índice, o livro no caso de (27b), e não o referente do NoPr, um indivíduo. Nesse sentido, sabendo que o falante é cooperativo, o ouvinte leva em conta a restrição de subsituação no domínio de referentes acima de tudo pelo uso do NoPr e usa o apontamento somente como o elemento indicador da subsituação relevante. Nesse contexto, tal interpretação é alcançada por meio dos princípios pragmáticos de cooperação e das máximas griceanas (Grice, 1975, 1957), pois o falante, em seu proferimento, fornecerá somente informações relevantes e a quantidade de informação adequada para seus propósitos conversacionais e ouvinte sabendo disso chega à leitura de que o falante está se referindo ao autor do livro pela relação de autoria com o livro apontado.

Em usos anafóricos, os Dems se referem a algum elemento, dado anteriormente, no contexto linguístico, como ilustra (28), abaixo:

(28) Já foi à médica que te indiquei, a Alice? **Essa Alice** resolveu meu problema.
resolver-sua-vida ([ιx. Alice (x, s_1)] s_0)

Em prosa: (28) é verdadeira se e somente se houver somente um referente que satisfaz o predicado "Alice" na subsituação saliente (s_1) e se "resolver-meu-problema" é verdadeira na situação de proferimento (s_0).

Em (28), "essa Alice" refere-se à médica mencionada na sentença anterior – "a médica que te indiquei, a Alice". Conforme Wolter (2006), a situação em que o nominal da descrição demonstrativa está sendo avaliado é uma substituição (situação saliente devido à evocação recente) da situação de proferimento (s_0) da sentença contendo o Dem. Nesse caso, a leitura gerada resulta de aspectos explícitos na superfície textual e, assim, inferências pragmáticas não são necessárias.

Antes de passar para a formalização da sentença com uso emotivo, ressaltamos que Wolter (2006) também sugere que os Dems emotivos são relativizados a situações não-default, assim como faz com os demais usos dos Dems. Um aspecto interessante para esses casos é que, segundo a autora, "[a] situação à qual um demonstrativo emotivo é relativizado contém os participantes do discurso, o referente do demonstrativo e o estado de conhecimento ou de emoção que os participantes do discurso compartilham" (Wolter, 2006, p. 84, tradução nossa)[22].

A sentença (29) tem uma leitura emotiva, na qual o falante supõe que o referente do NoPr faz parte do conhecimento de mundo do ouvinte e busca a sua solidariedade. Como salientamos antes, (29) não necessita de informações do contexto físico do proferimento para ser interpretado (não há indivíduo ou índice sendo apontado ou saliente no contexto físico), desse modo, não é dêitico; nem usa informações linguísticas

[22] "The situation that an emotive demonstrative is relativized to contains the discourse participants, the referent of the demonstrative, and the state of experiencing the knowledge or emotion that the discourse participants share" (original).

anteriores (o referente não foi mencionado anteriormente na interação), não se caracterizando como anafórico:

(29) **Aquela Adele** realmente sabe o que faz [falando de cantoras talentosas].
saber-o-que- faz ([ιx.Adele (x, s_1)] s_0)

Em prosa: (29) é verdadeira se e somente se houver somente um referente que satisfaz o predicado "Adele" na subsituação saliente (s_1) e se "saber-o-que-faz" é verdadeira na situação de proferimento (s_0).

Como vimos acima, na interpretação emotiva de Dem+NoPr, a determinação de referente resulta do uso do NoPr, corroborando a afirmação de Wolter (2006) de que em usos emotivos é comum ocorrer a introdução de um novo referente no contexto, sem necessidade de retomada anafórica ou de presença/saliência física. Conforme indicamos no final da seção anterior, nos casos da estrutura Dem+NoPr, dado que estamos diante de um termo que identifica o referente relevante por si, sem ajuda de outro item, o Dem tem um papel pragmático, qual seja, sinalizar solidariedade ao ouvinte e, num sentido metafórico, como afirma Lakoff (1974), a mesma relação emotiva de falante e ouvinte que pode ser, nesse caso, como "você e eu nunca vimos Adele em pessoa". Os critérios a serem cumpridos aqui relacionam-se à proposta de Potts e Schwarz (2010, p. 8), (a) o falante presume que o ouvinte pode identificar o referente de A; (b) a predicação do referente de A é avaliativa; (c) a predicação avaliativa é incontroversa; e (d) o falante pretende evocar solidariedade no ouvinte. Em resumo, a leitura emotiva não é nem dêitica, nem anafórica, devido (i) à presença do NoPr; e (ii) ao conhecimento compartilhado, entre falante e ouvinte, sobre o referente desse NoPr.

É interessante notar ainda que tal significado tem as principais propriedades relacionadas ao significado expressivo, como não ser alvo de negação e estar ligado ao falante que a profere. Isso pode ser ilustrado por meio do contraste a seguir (cf. Potts, 2007; Gutzmann 2015; Basso e Souza, 2020; entre vários outros):

(29a) Não é verdade que **aquela Adele** realmente sabe o que faz.
(29b) **Aquela Adele** realmente sabe o que faz, #mas eu não gosto dela.
(29c) [Pedro diz:] João falou que **aquela Adele** realmente sabe o que faz.

Note que em (29a) o que é negado é Adele saber o que faz, mas não o conteúdo emotivo veiculado. De modo similar, o falante que usa (29) não pode negar seu envolvimento emocional, como em (29b) — o resultado é uma sentença pragmaticamente anômala. Por fim, num contexto de fala reportado, como (29c), o conteúdo emotivo relaciona-se não ao sujeito da fala reportada, mas sim ao sujeito da fala efetivamente sendo feita[23].

A seguir vamos verificar a estrutura lógica para os usos de Dem+NoPr com interpretação de estágios de indivíduo. Tais usos fazem referência a uma mesma entidade, indicada pelo NoPr "João" em (30), mas cujos Dems indicam que estamos nos referindo a estágios diferentes de João. Assim, o papel dos Dems é indicar a distância dos estágios descritos na sentença em relação à fase atual dele. Para indicar a interpretação de estágios, usaremos mais de uma subsituação na forma lógica:

[23] É importante notar que há mais testes para a detecção do conteúdo expressivo e de suas características, e aqui, dado o escopo do presente artigo, apenas esboçamos os testes em (29) e fazemos apenas de uma descrição superficial das propriedades dessa interpretação que merecem um trabalho exclusivamente dedicada a ela, que deixamos para pesquisas futuras.

(30) **Esse João** de agora não é o mesmo que **aquele João** da minha infância.
não-ser-o-mesmo ((([ιx.João (x, s_1)]) Λ ([ιx.João (x, s_2)])), s_0)

Em prosa: (30) é verdadeira se e somente se houver somente um referente que satisfaz o predicado "João" na subsituação saliente (s_1) e se houver somente um referente que satisfaz o predicado "João" na subsituação saliente (s_2) e "não-ser-o-mesmo" é verdadeira na situação de proferimento (s_0).

A partir das formas lógicas baseadas na semântica de situações e na proposta de Wolter (2006) para os usos dêiticos, anafóricos e emotivos, observamos que a estrutura Dem+NoPr é uma estrutura que se afasta de descrições demonstrativas comuns como "esse quadro", pois o NoPr tem um peso semântico que determina o referente na subsituação sem a necessidade de outro item linguístico ou físico lhe auxiliando (diferentemente de um nome ordinário como "quadro"). A partir disso, não haveria razão semântica para a existência de um Dem na construção. O Dem, sendo assim, tem outro papel, um papel pragmático, que *grosso modo* é sinalizar a distância física nos usos dêiticos, a distância linguística nos usos anafóricos e a solidariedade entre falante e ouvinte em usos emotivos (que não são nem dêiticos nem anafóricos). Nas interpretações de estágio que podem se dar nos três tipos de usos, dêiticos, anafóricos e emotivos, o demonstrativo indica a diferença ou a distância de estágios desse mesmo referente, porém num domínio temporal, que se dá com base em analogias com domínio espacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs uma discussão, até então não realizada na literatura, sobre a relação entre os Dems do PB e os NoPrs, numa construção como Dem+NoPr, a partir de um ponto de vista da semântica, utilizando-se da semântica de situações e de ferramentas pragmáticas. O objetivo foi o de entender qual o papel de cada uma nos diferentes usos e como elas colaboram para as diferentes interpretações.

A partir do levantamento realizado na literatura, verificamos que essas construções podem ter usos dêiticos (direto e com referência deferida), anafóricos e emotivos. A partir da análise dos exemplos, observamos que em cada um desses usos é possível encontrar uma interpretação de estágios do referente, cuja semântica não havia sido discutida na literatura. Com o objetivo de entender o papel do Dem e do NoPr nesse tipo de expressão em cada um desses usos, assumimos que o Dem pode estar desempenhando um papel, assim como é afirmado por Sedrins (2017), Longobardi (1994) e Castro (2006) para os artigos definidos, de partícula expletiva. Nesse sentido, o Dem não teria peso semântico nessas construções. Um dos argumentos para corroborar isso é o fato de a determinação do referente, nesses casos, se dar principalmente pelo NoPr. O Dem, assim, estaria desempenhando um papel pragmático quando acompanha o NoPr, que não seria de determinação do referente.

A formalização utilizada foi a proposta por Wolter (2006) que usa situações como parâmetro de avaliação dos predicados sentenciais e para a qual os Dems são avaliados em subsituações da situação geral. Assim, na forma lógica foram apresentados exclusivamente os elementos semânticos importantes para a interpretação, isto é, as situações relevantes para a determinação do referente e para a manutenção de sua unicidade. Além disso, discutimos também aspectos pragmáticos envolvidos nas diferentes leituras de Dem+NoPr.

A partir disso, (i) o NoPr é o responsável pela determinação de referente, tendo em vista que a partir dele é possível identificá-lo univocamente no contexto físico (uso

dêitico), linguístico (uso anafórico), de conhecimento compartilhado (uso emotivo); e (ii) a Dem é o elemento responsável pelas informações como proximidade/distância física, emocional, temporal em relação ao referente ou estágios desse referente. Essas afirmativas indicam que a semântica entra no cômputo quando há a determinação do referente e a pragmática quando o Dem é utilizado, especialmente porque as construções em que a expressão Dem+NoPr aparece seriam gramaticais sem a presença do demonstrativo: "Essa Maria deu um trabalho!" *versus* "(A) Maria deu um trabalho!".

Como se trata de um trabalho pioneiro, há ainda muitas questões em aberto, em particular sobre as propriedades da interpretação emotiva no PB e como se dá o contraste entre "esse" e "aquele" nessa interpretação, bem como detalhar mais a interpretação de estágios de indivíduos. Seja como for, acreditamos que este artigo traz contribuições originais e relevantes para o presente tema de investigação.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, B. Definiteness and proper names: Some bad news for the description theory. *Journal of Semantics.* **v.** 19, p.191–201, 2002.

ABBOTT, B. *Reference*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020.

BASSO, R. M. *A Semântica das Relações Anafóricas entre Eventos*. (Tese de Doutorado) Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2009.

BASSO, R. M. Considerações sobre a semântica de 'eu'. *Revista da ABRALIN,* v.12, n.2, p. 249-280, 2013.

BASSO, R. M.; SOUZA, L. M. de. Puta: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. *Revista Diadorim*, v. 22, n. 2, p. 528-556, 2020.

BURGE, T. Reference and proper names. *The Journal of Philosophy*, v. 70, p. 425– 439, 1973.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa.* Petrópolis: Vozes, 1970.

CARLSON, G. *Reference to kinds in English.* (Tese de Doutorado) Universidade de Massachusetts, Amherst, 1977.

CASTRO, A. *On possessives in Portuguese.* (Tese de Doutorado) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006.

CHIERCHIA, G.; MCCONNELL-GINET, S. *Meaning and Grammar:* an introduction to Semantics. Massachusetts: MIT Press, 1990.

CONDE, C. FULL-Names: uma contribuição para a perspectiva predicativista dos nomes próprios. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 64, p. 1-20, 2023.

ELBOURNE, P. D. *Situations and Individuals*. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.

ELBOURNE, P. D. Demonstratives as individual concepts. *Linguistics and Philosophy.*, n. 31, p. 409–466, 2008.

ELBOURNE, P. D. *Definite Descriptions*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FERNÁNDEZ LEBORANS, M. J. El nombre propio. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (Ed.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, p. 77–128, 1999.

GEURTS, B. Good news about the description theory of names. *Journal of Semantics.* v**.**14, p. 319–348, 1997.

GRICE, H. P. Meaning. *Philosophical Review*, v. 66, p. 377-388, 1957.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In.: COLE, P.; MORGAN, J. (ed.). *Pragmatics (Syntax and Semantics*). Nova York: Academic Press, 1975.

GUTZMANN, D. *Use-conditional Meaning*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

HEIM, I. R. *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases* (Tese de doutorado) University of Massachusetts, Amherst), 1982.

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

IZUMI, Y. *The Semantics of Proper Names and Other Bare Nominals*. (Tese de doutorado) University of Maryland, 2012.

KLEIBER, G. Du nom propre nom modifié au nom propre modifié: le cas de la détermination des noms propres par l'adjectif démonstratif. *Langue française:* Syntaxe et sémantique des noms propres, Paris, Larousse, v. 92, p. 104-112, 1991.

KRATZER, A. An investigation of the lumps of thought. *Linguistics and Philosophy*, v. 12, p. 607-653, 1989.

LAKOFF, R. Remarks on this and that. *CLS 10*, p. 345–356, 1974.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of movement in syntax and LF. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.25, p.609-665, 1994.
LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
MATUSHANKSY, O. On the linguistic complexity of proper names. *Linguistics and Philosophy.* v. 21, p. 573-627, 2008.
MENDONÇA, J. F. A Semântica dos Nomes Próprios numa Abordagem Metalinguística. *Sapere Aude*, v. 7, n. 14, p. 658-677, 2016.
NUNBERG, G. Indexicality and deixis. *Linguistics and Philosophy*., n. 16, p. 01-43, 1993.
NUNBERG, G. Descriptive indexicals and indexical descriptions. In: REIMER, M.; BEZUIDENHOUT, A. (Ed.). *Descriptions and beyond*. Oxford: Clarendon Press, p. 261-279, 2004.
OGGIANI, C.; AGUILAR-GUEVARA, A. Determined Proper Nouns in Rioplatense Spanish express interpersonal proximity. *Borealis – An International Journal of Hispanic Linguistics.* v. 13, n. 2, p. 315–327, 2024.
OGGIANI, C.; AGUILAR-GUEVARA, A. Non-bare proper names in Rioplatense Spanish. *Definiteness across domains 4th meeting of the network Ruhr-Universität Bochum*, Germany, 2023. Disponível em: https://www.definiteness-across-domains.org/wp-content/uploads/2023/09/08AguilarGuevaraOggiani.pdf Acesso em: 25 out 2025.
PAVANI, S. *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto de São Paulo*. (Dissertação de Mestrado) Universidade de Campinas, Campinas, 1987.
POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, v. 33.2, p. 165-197, 2007.
POTTS, C.; SCHWARZ, F. Affective 'this'. *Linguistic Issues in Language Technology*. v. 3., p.1-34. 2010.
PORTNER, P; PARTEE, B. H. (eds.) *Formal Semantics*: The Essential Readings. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2002.
PRADO, L. L. Nomes próprios gerais no contexto da semântica de J. S. Mill. *Trans/form/ação*, v. 28, p. 67–83, 2005.
RECANATI, F. *Direct reference*: From language to thought. Oxford: Blackwell, 1997.
RONCARATI, C. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv., 2003.
SEDRINS, A. P. Nomes próprios e artigos definidos no português brasileiro. *Revista Letras*. v. 96, 2017.
TEIXEIRA. L. R. *Os demonstrativos: uma análise semântico-pragmática baseada em situações.* Tese de doutorado. UFRGS: Porto Alegre, 2017.
TEIXEIRA, L. R.; BASSO, R. M. Demonstrativos de kinds: sobre alguns usos de "aquele/aquela" no português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–30, 2022.
TEIXEIRA, L. R.; MENUZZI, S. M. Formal demonstrations with deictic demonstratives: in defense of Wolter's notion of non-default situation. *ReVEL*, v.9, pp.33-61, 2015a.
TEIXEIRA, L. R.; MENUZZI, S. M. Algumas questões sobre as descrições demonstrativas dêiticas. *Cadernos do IL*, v.50, pp.09-27, 2015b
TEIXEIRA, L. R.; MENUZZI, S. M. Understanding the interaction between demonstrative deixis and descriptive content. *Revista Letras*, Curitiba. 2017.
VOGT, D. R. *Por um tratamento semântico das descrições demonstrativas*. (Dissertação de Mestrado) Universidade de Santa Catarina: Florianópolis, 2013.
VON HEUSINGER, K.; WESPEL, J. Indefinite proper names and quantification over manifestations. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, [S. l.], v. 11, p. 332–345, 2019. Disponível em: https://ojs.ub.uni-konstanz.de/sub/index.php/sub/article/view/649. Acesso em: 2 jul. 2025.
WOLTER, L. K. *That's That:* The Semantics and Pragmatics of Demonstrative Noun Phrases (Doctoral dissertation) University of California: Santa Cruz, 2006.

Recebido: 30/4/2025
Aceito: 30/6/2025
Publicado: 25/9/2025